

## A PEDAGOGIA SOCIALISTA SOVIÉTICA E SUA ATUALIDADE PARA O PENSAMENTO PEDAGÓGICO CONTRA-HEGEMÔNICO

**Franciele Soares dos Santos<sup>1</sup>**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Unioeste, Francisco Beltrão-PR, Brasil.

**Marilei Leal da Cruz<sup>2</sup>**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste, Francisco Beltrão, PR, Brasil.

### RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre a Pedagogia Socialista Soviética, considerando a sua atualidade para o contexto pedagógico contra-hegemônico. Para tanto, apresenta-se, de forma concisa, o contexto do processo de elaboração da Pedagogia Socialista Soviética articulado à necessidade de organização de uma escola que rompesse com a forma escolar capitalista. Além disso, são debatidas suas categorias pedagógicas, suas principais características e suas implicações para a organização escolar a partir dos escritos dos educadores socialistas. É possível concluir, com base nas discussões realizadas, que o pensamento pedagógico socialista soviético se constitui como um caminho para se lutar contra a pedagogia do capital e para enfrentar dos desafios impostos por essa pedagogia à educação escolar, revelando, assim, sua importância e atualidade para o pensamento pedagógico contra-hegemônico.

**Palavras-chave:** Pedagogia Contra-hegemônica; Pedagogia do capital; Pedagogia Socialista Soviética.

---

<sup>1</sup> Doutora em educação - Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Unioeste, Francisco Beltrão-PR, Brasil.

ORCID: [0000-0002-5115-0127](https://orcid.org/0000-0002-5115-0127). E-mail: [sfrancielesoares@gmail.com](mailto:sfrancielesoares@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste, Francisco Beltrão, PR, Brasil. Professora de Educação Infantil no município de Marmeleiro-PR.

ORCID: [0000-0003-0045-2990](https://orcid.org/0000-0003-0045-2990). E-mail: [marileileal2015@outlook.com](mailto:marileileal2015@outlook.com).

## **THE SOVIET SOCIALIST PEDAGOGY AND ITS ACTUALITY FOR COUNTER-HEGEMONIC PEDAGOGICAL THOUGHT**

### **ABSTRACT**

The objective of this article is to reflect on Soviet Socialist Pedagogy, considering its actuality for the counter-hegemonic pedagogical context. To do so, it presents, in a concise way, the context of the elaboration process of Soviet Socialist Pedagogy articulating the need to organize a school that would break with the capitalist school form. In addition, its pedagogical categories, its main characteristics, and its implications for school organization based on the writings of socialist educators are discussed. It is possible to conclude, based on the discussions carried out, that Soviet socialist pedagogical thought is constituted as a way to fight against the pedagogy of capital and to face the challenges imposed by this pedagogy to school education, thus revealing its importance and actuality for counter-hegemonic pedagogical thought.

**Keywords:** Counter-hegemonic Pedagogy; Pedagogy of capital; Soviet Socialist Pedagogy.

## **LA PEDAGOGÍA SOCIALISTA SOVIÉTICA Y SU ACTUALIDAD PARA EL PENSAMIENTO PEDAGÓGICO CONTRAHEGEMÓNICO**

### **RESUMEN**

El objetivo de este artículo es discutir la Pedagogía Socialista Soviética, considerando su actualidad para el contexto pedagógico contrahegemónico. De esta forma, se presenta, de forma concisa, el contexto del proceso de elaboración de la Pedagogía Socialista Soviética articulada a la necesidad de organización de una escuela que rompiera con la forma escolar capitalista. Además, se discuten sus categorías pedagógicas, sus principales características y sus implicaciones para la organización escolar, a partir de los escritos de los educadores socialistas. Es posible concluir, a partir de las discusiones realizadas, que el pensamiento pedagógico socialista soviético se constituye como una forma de luchar contra la pedagogía del capital y de enfrentar los desafíos impuestos por esta pedagogía a la educación escolar, revelando, así, su importancia y actualidad para el pensamiento pedagógico contrahegemónico.

**Palabras clave:** Pedagogía contrahegemónica; Pedagogía del capital; Pedagogía socialista soviética.

## **1 INTRODUÇÃO**

Sabemos que, na sociedade capitalista, a educação tem se constituído como um instrumento de dominação da classe dominante, a qual, de acordo com seus interesses, impõe aos trabalhadores formas de educar. Isso, sem dúvida, expressa a

preocupação dessa classe em doutrinar permanentemente os trabalhadores. Foi particularmente a partir do século XX, e com mais ênfase no século XXI, que se engendrou a pedagogia do capital, a qual, “[...] em última instância, responde aos interesses do capital e da sua lógica” (SANFELICE, 2010, p.113), fazendo uso da educação escolar, por exemplo, como um campo estratégico para interiorização<sup>3</sup> das novas formas de sociabilidade capitalista.

Na avaliação de Neves (2005), a pedagogia do capital utiliza estratégias de educação política para obter o consenso, para defender e para legitimar o capitalismo, constituindo, assim, uma pedagogia da hegemonia. Seguindo as formulações da autora, é possível verificar as fases dessa pedagogia hegemônica. A primeira data do período pós-guerra, de 1945 a 1980; a segunda fase compôs-se nas últimas décadas do século XX e nas duas primeiras do século XXI.

A primeira fase caracteriza-se pela necessidade de construção de um senso comum coletivo que assegurasse a hegemonia do capitalismo sobre o socialismo. Para tanto, os aparelhos culturais – como a escola, a mídia e a publicidade – são utilizados como meio para divulgação e aceitação generalizada desse novo senso comum. Assim, as proposições das estratégias em conjunto com os aparelhos culturais somaram esforços para impedir a classe trabalhadora de identificar-se com o projeto socialista. A segunda fase, por sua vez, conserva os fundamentos da primeira. O que está em jogo agora é a afirmação do capitalismo como a única solução possível para a humanidade, por meio da asserção a todo custo da possibilidade da coexistência do mercado com a justiça social.

Isso se tornou perceptível especialmente nas últimas três décadas, quando vivenciamos uma ofensiva da pedagogia do capital sobre a educação brasileira por meio da participação desmedida do mercado no campo educativo e nas suas ações materializadas, por exemplo, com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular

---

<sup>3</sup> Conforme pondera Mészáros (2006, p. 264), “[...] o complexo sistema educacional da sociedade é também responsável pela produção e reprodução da estrutura de valores no interior da qual os indivíduos definem seus próprios objetivos e fins específicos. As relações sociais de produção reificadas sob o capitalismo não se perpetuam automaticamente. Elas só o fazem porque os indivíduos particulares interiorizam as pressões externas; eles adotam as perspectivas gerais da sociedade de mercadorias como os limites inquestionáveis de suas próprias aspirações. É com isso que os indivíduos ‘contribuem para manter uma concepção de mundo’ e para a manutenção de uma forma específica de intercâmbio social, que corresponde àquela concepção de mundo”.

(BNCC) e da Lei nº 13.415/2017, que estabeleceu o “Novo Ensino Médio”. Nesse contexto, impõe-se a necessidade de reafirmarmos o projeto de sociedade e de educação socialista como uma alternativa viável ao capital. Por isso, torna-se fundamental, a nosso ver, visitar o legado da Pedagogia Socialista Soviética, produzido e experienciado pelos educadores socialistas no contexto da Revolução Russa, especialmente no período de 1917 a 1930, considerando, para tanto, as categorias pedagógicas gestadas nesse processo e que indicam caminhos para pensarmos a formação humana e uma pedagogia para além do capital. Além disso, cabe destacar ainda que a Pedagogia Socialista Soviética se constitui como uma pedagogia contra-hegemônica, devido à compreensão de que a educação deve estar a serviço e contribuir para a transformação social (SAVIANI, 2008). Infelizmente, ainda hoje, essa proposta é pouco conhecida, estudada e debatida.

Nessa direção, objetivamos, neste texto, refletir sobre a Pedagogia Socialista Soviética, considerando a sua importância para o campo das pedagogias contra-hegemônicas. Para tanto, utilizamos o estudo bibliográfico das seguintes obras de educadores socialistas: *A Construção da Pedagogia Socialista* (2017), de autoria de Nadezhda Konstantinovna Krupskaya; *Fundamentos da Escola do Trabalho* (2003; 2018) e *A Escola-Comuna* (2009), de Moisey M. Pistrak; *Rumo ao Politecnismo* (2013) e *Fundamentos da Educação Social* (2022), de Viktor Shulgin.

O texto está dividido em duas seções. Na primeira, apresentamos, de forma concisa, o contexto do processo de elaboração da Pedagogia Socialista Soviética articulado à necessidade de organização de uma escola que rompesse com a forma escolar capitalista. Na segunda seção, destacamos o processo de emergência das categorias pedagógicas da Pedagogia Socialista Soviética - trabalho, atualidade e auto-organização -, as suas principais características e suas implicações para a organização escolar. Nas considerações finais, ressaltamos que, com a intensificação das estratégias da pedagogia do capital sob a educação escolar, reconhecer a Pedagogia Socialista Soviética como uma pedagogia contra-hegemônica significa apontar caminhos, ainda no contexto da sociedade capitalista, que permitam organizar esforços coletivos e estratégias para repensarmos as finalidades da

educação e suas categorias formativas na perspectiva da construção de uma educação articulada aos interesses da classe trabalhadora<sup>4</sup>.

## 2 O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA PEDAGOGIA SOCIALISTA SOVIÉTICA

A emergência da Pedagogia Socialista soviética ocorre no contexto revolucionário russo, quando o país vivenciava muitas dificuldades, especialmente com relação ao atraso histórico em que se encontrava a Rússia e à consolidação da nova ordem social. Nesse contexto, Vladimir Lenin demonstrava uma preocupação evidente com a formação da consciência socialista e com a emancipação intelectual do proletariado. Para ele, havia a necessidade incontestável de formar lutadores e construtores da nova sociedade.

Em vista disso, logo após a revolução, o ministro da Educação, Lunatcharsky, juntamente com Nadezhda Krupskaya e Lenin, iniciou alterações profundas no sistema educacional russo. No que se refere à transformação da teoria pedagógica, Manacorda (2010, p. 376) ressalta que

[...] o socialismo assumiu criticamente todas as instâncias da burguesia progressista, censurando-a por não tê-las aplicado conseqüentemente; acrescentou-lhes de próprio uma concepção nova em relação a instrução trabalho (o grande tema da pedagogia moderna), que vai além do somatório de uma instrução tradicional mais uma capacidade profissional e tende a propor a formação de um homem onilateral.

De fato, quando assumiu o governo, Lenin implementou as ideias socialistas no âmbito da educação. Ele se voltou para as teses marxianas e, durante o VIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique), em 1919, aprovou uma resolução pedagógica muito semelhante à proposta feita por Marx nas Instruções aos delegados ao I Congresso (1868), conforme relata Manacorda (2010, p. 314-315):

---

<sup>4</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). E ainda, destacamos que esta produção é parte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada *O trabalho como princípio educativo na proposta educativa e escolar de Moisey Pistrak: contribuições para a educação na atualidade*, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Francisco Beltrão (PR), ano 2022.

Plena realização dos princípios da escola única do trabalho, com ensino de língua materna, com o estudo comum das crianças dos dois sexos, absolutamente laica, livre de qualquer influência religiosa, que concretize uma estrita ligação do ensino com o trabalho socialmente produtivo, que prepare membros plenamente desenvolvidos para a sociedade comunista.

Em seus escritos, Lenin demonstrava uma preocupação evidente com a formação da consciência socialista e com a emancipação intelectual do proletariado. Devido a isso, logo após a Revolução Russa, criou-se, em outubro de 1917, o Comissariado Nacional de Educação (Narkompros). O objetivo deste era o de reconstruir o sistema educacional russo, pois

[...] no começo da revolução a tarefa colocada para escola pela reviravolta revolucionária parecia, possivelmente, menos difícil e complicada do que parece para nós agora. A tarefa de construção da nova escola foi assumida por muitos pedagogos. A maioria sabia apenas uma coisa: que a nova escola não deveria parecer-se com a antiga, que nela deveria reinar um espírito completamente diferente, que não podia esmagar a personalidade da criança, como foi esmagada pela escola antiga. Os professores pioneiros da nova escola começaram seu difícil trabalho. Era preciso abrir uma picada na floresta virgem, trabalhar por sua conta e risco, observar incansavelmente, buscar, cometer erros e aprender com eles (KRUPSKAYA apud PISTRAK, 2009, p. 105-106).

Em setembro 1918, o Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) publicou a “Deliberação sobre a escola única do trabalho”. Em outubro do mesmo ano, o Narkompros elaborou um documento intitulado “Princípios Fundamentais da Escola Única do Trabalho”. Nesse mesmo ano, criaram-se as Escolas Experimentais Demonstrativas, conhecidas como Escolas-Comunas, que se organizavam a partir dos princípios da Escola Única do Trabalho.

As decisões acerca da organização da Escola Única do Trabalho demonstram o esforço coletivo dos educadores socialistas para transformar a escola em Escola Única do Trabalho vinculada à ideia de uma instituição comprometida com a construção de uma nova sociedade. Era única no sentido de não ser dual, ou seja, há uma forma de organização escolar e curricular comum a todos, e do trabalho porque apresentava a compreensão do trabalho como princípio educativo, com ênfase na formação politécnica.

Os educadores socialistas compreenderam a necessidade de organizar uma escola que rompesse com a forma escolar capitalista<sup>5</sup>. As propostas formuladas tinham como objetivos principais repensar o trabalho pedagógico e construir uma antítese à forma escolar capitalista existente naquele contexto histórico, mesmo com limites e contradições, a fim de “[...] transformar a escola na direção dos interesses da classe trabalhadora” (FREITAS e CALDART, 2018, p.19).

Essa demanda fez com que, no processo de construção coletiva da Pedagogia Socialista Soviética, os educadores, por meio de seus escritos, denunciassem várias vezes o caráter de classe da educação e da escola. Particularmente, as elaborações pedagógicas de Krupskaya evidenciaram como a escola pública destinada aos trabalhadores até então estava pautada na ciência livresca, isolada da vida por pregar o culto ao Estado burguês. Assim, “[...] em poucas palavras, a tarefa da escola pública é manter os estudantes com a moral burguesa, diminuir sua consciência de classe, fazer deles um rebanho obediente, fácil de controlar” (KRUPSKAYA, 2017, p. 68). Escola de ensino era a denominação que a educadora utilizava para definir a escola burguesa como livresca, isolada da vida e do trabalho físico. Nessa perspectiva, “[...] eram escolas que visavam, principalmente, formar operários obedientes e cumpridores dos deveres” (KRUPSKAYA, 2017, p. 37). Já Pistrak (2018b) alertava que

A escola sempre foi, e não poderia deixar de ser, reflexo do seu tempo; sempre respondeu àquelas exigências que um dado regime sociopolítico colocou para ela e se não respondesse ao regime de seu tempo, então este regime a eliminaria da vida como um corpo estranho (p.39-40).

Para o mesmo autor, a revolução tinha função fundamental no esclarecimento do caráter de classe da escola, haja vista que

---

<sup>5</sup> A expressão forma escolar foi formulada por Vicent, Lahire e Thin (2001). Esses autores afirmam que, a partir da Idade Moderna, organizou-se um modelo de escola e de ensino que instituiu novas características à organização do trabalho pedagógico, as quais vão desde as transformações na relação professor-aluno, no tempo e espaço escolar, nas disciplinas curriculares, até a criação de novos métodos pedagógicos pautados em regras e disciplinas que estavam diretamente associadas às formas de socialização correspondentes às transformações e às demandas sociais capitalistas, em curso naquele momento histórico. Assim sendo, pode-se afirmar que a forma escolar é a expressão da materialidade de um determinado momento histórico.

Uma das tarefas básicas da revolução social consiste em esclarecer este caráter de classe da escola inserida em uma sociedade de classes e revelar esta natureza com a ditadura do proletariado. [...] a tarefa de educar as massas e assegurar o êxito da consolidação das conquistas e realizações revolucionárias (PISTRAK, 2018b, p. 40).

Portanto, a urgência de se romper com a escola de ensino levou os educadores a buscar alternativas, transformando-a em uma escola do trabalho. Uma das principais tarefas era alterar as finalidades educativas da escola. Para isso, foram criadas as primeiras escolas experimentais, denominadas de as Escolas-Comunas. Elas se configuravam como “[...] um local de agregação de grandes e experientes educadores que se dedicavam a criar as novas formas e conteúdos escolares sob o socialismo nascente com a finalidade de transferir conhecimentos para as escolas regulares, de massa.” (FREITAS, 2009, p. 13-14). Entre as que obtiveram mais destaque está aquela que foi coordenada por Moisey Pistrak, a Escola-Comuna Lepeshinsky<sup>6</sup>. No contexto dessas experiências escolares, os educadores tiveram condições de formular e implementar, mesmo que com alguns limites, as categorias pedagógicas *trabalho*, *atualidade* e *auto-organização*, as quais foram basilares para a constituição da proposta educativa e escolar da Pedagogia Socialista Soviética, aspectos discutidos a seguir.

### **3 A PEDAGOGIA SOCIALISTA SOVIÉTICA E SUAS CATEGORIAS PEDAGÓGICAS**

Como ressaltamos anteriormente, a grande questão debatida pelos pedagogos russos era sobre como deveria se organizar a escola do trabalho soviética após a concretização da revolução. Para superar a velha escola, os educadores soviéticos defendiam a necessidade de uma nova forma escolar, movida por outras finalidades educativas. Evidentemente, o que estava em jogo era também o embate com “[...] as teorias educacionais burguesas, nascentes à época da Revolução Russa,

---

<sup>6</sup> De acordo com a Enciclopédia Pedagógica Russa citada por Freitas (2009, p. 14), “Lepeshinsky fundamentou o modelo de Escola-Comunas como instituição de ensino de novo tipo, isto é, comunidade constituída por princípios de autodireção, autosserviço e organização de uma ‘forma inteligente de trabalho’. A autodireção era entendida como a participação direta de todo o coletivo nas diversas formas de trabalho produtivo e intelectual da vida escolar. Considerava a realização do trabalho o fator principal de formação e base da atividade escolar. Explorou o caminho da ligação do trabalho físico e intelectual com base na participação da criança na comunidade, na vida e sua inserção no processo de trabalho produtivo”.



mas que atravessaram o século XX e chegaram até nós, às vezes sob nova roupagem” (FREITAS, 2022, p. 09).

De fato, os educadores socialistas fizeram amplas críticas ao movimento da escola nova, sobretudo ao filósofo e educador norte-americano Jonh Dewey (1859-1952). Podemos observá-las nas formulações de Krupskaya no texto “Escola pública e democracia”, no qual a educadora ressaltava de forma incisiva que

[...] o estilo de vida nas escolas “novas” é completamente burguês. O ambiente social é extremamente artificial. [...] um internato, mesmo sendo razoavelmente organizado, continua a ser um internato, isto é, ele isola o estudante da vida real, restringe a esfera das impressões sociais e de vivências do estudante. [...] O isolamento da vida impede os estudantes de estudar, na realidade, as relações sociais (KRUPSKAYA, 2017, p. 55-56).

A crítica era uma denúncia à forma escolar das escolas “novas”. Para a educadora, essas instituições pautavam-se em relações artificiais, pois não tinham conexão com a vida, com a atualidade e sua essência estava impregnada da ideologia e da moralidade burguesa. Ainda, de acordo com Krupskaya (2017),

[...] o que deveria ser diferente na escola socialista em comparação com a escola atual, é o fato de que a única finalidade é possibilidade do desenvolvimento multilateral [...] A escola socialista é uma escola livre, onde não há lugar para o adestramento, quartéis de memorização (p. 75).

Pistrak (2018, p.160), por sua vez, afirmava que era “[...] preciso desenvolver hábito da desconfiança e da crítica em relação a todos os produtos que têm marca registrada da burguesia e são importados por nossas escolas”. Por isso, era um consenso entre os educadores socialistas que a escola do trabalho precisava ter finalidades sociopedagógicas diferentes das teorias educacionais burguesas. Pode-se dizer, portanto, que os educadores socialistas estavam atentos às questões relacionadas à forma escolar capitalista e buscavam disputá-la e superá-la. Nesse processo, elaboraram as categorias pedagógicas, ao retomar a concepção revolucionária de educação e de formação humana presentes nos escritos de Karl Marx e de Friedrich Engels, reforçando a relação entre trabalho e educação como elemento fundamental que liga a prática educativa à vida e que, portanto, deveria ser constituinte da nova forma escolar.

Na ótica de Pistrak (2018), para a constituição da nova escola, era necessária a compreensão de três elementos centrais: a) sem teoria pedagógica

revolucionária não pode haver prática pedagógica revolucionária; b) a teoria marxista é a teoria da transformação da escola; e c) a teoria pedagógica comunista só se tornará ativa e eficaz quando o próprio professor assumir o papel de um ativista social, o que implica a formação do magistério na perspectiva marxista.

Conjuntamente, os educadores soviéticos evidenciaram a necessidade de se alterar as finalidades da educação e as categorias formativas, elaborando outras que se tornaram a base das experiências escolares, a saber: o *trabalho*, a estreita ligação com a *atualidade* e a *auto-organização* dos estudantes.

O trabalho, no pensamento pedagógico socialista soviético, foi compreendido como o solo básico da escola, a partir do qual organicamente se fundamentaria todo trabalho educativo, com vistas à formação humana integral de caráter multilateral. Em suas formulações sobre os fundamentos da escola do trabalho, Pistrak (2003a, p. 38) ressalta que “[...] o trabalho na escola, enquanto base da educação deve estar ligada ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta social útil, sem o que perderia seu valor essencial, seu aspecto social [...]”. Encontramos, na singularidade das palavras do autor, a gênese da formulação do trabalho socialmente útil.

A elaboração desse conceito permitiu que se ampliasse a compreensão do trabalho como princípio educativo, revelando o vínculo essencial desse com a realidade, ou seja, estreitando-se os laços que unem escola à vida, assim como ressaltou Shulgin (2022, p. 43): “[...] falamos de trabalho como objeto de estudo, trabalho como método, como fundamento da vida”. Na avaliação de Krupskaya (2009, p. 108), os organizadores da nova escola tinham o “[...] desejo incansável de ligar a escola com fortes fios a vida social ao redor, transformar a própria escola em parte integrante dessa vida”. É o que observamos nas palavras de Shulgin (2022):

Para nós, o trabalho é a melhor forma de introduzir as crianças na vida laboral, ligar-se com a classe-constutora, e não apenas entendê-la, mas viver sua ideologia, aprender a lutar, aprender a construir. Mas isso é pouco para nós; o trabalho é uma forma de introduzir os estudantes na família trabalhadora mundial para participar de sua luta, compreendê-la, seguir a história do desenvolvimento da sociedade humana, obter experiência de trabalho, de organização coletiva, aprender a disciplina do trabalho. Para nós o trabalho é fundamento da vida, fundamento do trabalho educacional, é a melhor maneira de ensiná-los a viver a atualidade de ensinar, como ele, da melhor maneira, une-se a ela: a fábrica é o melhor e mais sensível registro da atualidade. Assim, fundem-se em uma unidade indivisível de auto-

organização o trabalho, a atualidade, e assim são puxados desafiados pela vida pelo caminho do desenvolvimento econômico, que exige uma escola necessária para a classe-construtora, a classe operária, uma escola que educa o lutador e construtor da vida (SHULGIN, 2022, p. 125).

Ao debater “Sobre os objetivos do trabalho”, Shulgin (2022) explicita a importância de articulação entre as categorias pedagógicas no processo de formação dos educandos. Dessa forma, o trabalho precisava estar conectado à atualidade e à auto-organização, pois, sem isso, ele não teria sentido e valor social. Para o mesmo autor, o trabalho na escola deveria proporcionar a atuação na vida real e cotidiana da comunidade. Assim, a base conceitual da relação entre trabalho educação está presente no conceito de Trabalho Socialmente Necessário (TSN), sendo esse também o elemento-chave para conectar a escola à atualidade e à vida (SHULGIN, 2013). Dessa maneira, esse conceito “[...] rompe com a limitação das escolas; ele, precisamente ele, introduz a criança na sociedade mais ampla; as inclui na vida dos adultos, e com eles ensina a resolver as tarefas do trabalho social” (SHULGIN, 2013, p. 142). Ainda, segundo o educador,

[...] a escola estuda a vida, a economia, o nível cultural e político de uma determinada região do campo, a aldeia, da cidade etc. Mas isso não é suficiente: ela tem que ajudar a introduzir o novo na economia, melhorá-las. Só desta maneira vai se tornar uma escola do trabalho, só então ela cumprirá sua missão de preparar um lutador pelos ideais da classe operária, construtor de uma sociedade comunista. (SHULGIN, 2013, p. 44).

Para isso, era preciso compreender e dominar a atualidade. Na visão do teórico, a escola deveria permitir a vivência da atualidade como forma de compreendê-la, de modo que se lutasse pela construção de uma nova sociedade sem classes. A categoria atualidade, desse modo, ligava-se organicamente às finalidades da educação, pois, para os educadores socialistas, ensinar considerando essa categoria era um meio de esclarecer as relações sociais capitalistas, a sua dinamicidade e a sua essência dialética (PISTRAK, 2018b), o que estava vinculado ao período histórico no qual a revolução se desenvolvia e ao imperialismo capitalista.

A categoria atualidade, para Pistrak (2018b), diz respeito a

[...] tudo aquilo que na vida social de nosso tempo tem requisitos para crescer e se desenvolver, que se reúne em torno da revolução social vitoriosa e servirá para a construção da nova vida. Mas a atualidade também é aquela fortaleza capitalista contra a qual a revolução mundial conduz o cerco. Em resumo, a atualidade é o imperialismo em sua última fase e o poder soviético

como ruptura no *front* do imperialismo, como brecha na fortaleza do capitalismo mundial [...] A atualidade deve ser compreendida como luta que se trava na brecha que foi aberta; toda esta luta será ampliada, exacerbada e crescerá enquanto a vitória não vem pela revolução. (PISTRAK, 2018b, p. 42).

Outra categoria fundamental para os educadores socialistas é auto-organização, a qual, conforme explica Krupskaya (2017), deve estar, em certa medida, atrelada ao desenvolvimento de hábitos organizacionais, pois é “[...] uma das condições de funcionamento correto da escola do trabalho é a ligação orgânica com a sua auto-organização escolar” (p.121).

Shulgin (2022) destaca que, à medida que a auto-organização fosse inserida nas escolas, ela deveria ter objetivos mais amplos associados às finalidades da educação socialista. Em suas palavras,

Para a realização dessas finalidades, não basta, é claro, conhecer os ideais da classe trabalhadora; é preciso *saber* trabalhar coletivamente, viver coletivamente, construir coletivamente; é preciso *saber lutar* pelos ideais da classe trabalhadora, lutar muito, incansavelmente; é preciso ser capaz de *organizar* a luta, *organizar* a vida do coletivo, e isso não pode ser aprendido de repente, mas desde os primeiros anos de idade, por meio do trabalho independente, da construção coletiva independente, do desenvolvimento de habilidades organizacionais e hábitos. *Nisso* consistem as tarefas fundamentais da auto-organização. (SHULGIN, 2022, p.79-80).

A auto-organização nas escolas era formada pela autodireção, pelo autosserviço, pela autogestão e, principalmente, pelos coletivos infantis. Entendidos como parte da auto-organização e do desenvolvimento do trabalho socialmente útil, os coletivos infantis estavam presentes nas Escolas-Comunas e ligavam-se aos princípios do autosserviço. De acordo com Pistrak (2009), o autosserviço era uma necessidade que nasceu em razão da condição miserável de existência das Comunas. Por um lado,

[...] é *necessidade*, causada pelas condições materiais de existência. [...]. Por outro lado, independentemente das condições materiais, nós transferimos para as mãos das crianças este ou aquele trabalho, particularmente aquele que ou tem caráter de autosserviço pessoal (arrumação da cama, remendos, costura parcial etc.), ou que dá espaço para iniciativa e criatividade (mutirão de fim de semana, trabalhos de massa), ou que são úteis pelas condições de trabalho, para a saúde das crianças (participação moderada nos trabalhos rurais no verão). [...] o trabalho em autosserviço reduz-se ao seguinte: *limpeza do prédio*, trabalho na *cozinha*, na *cantina*, organização da *sauna* e

cuidados com a *lavanderia, calefação do prédio, organização da sala hospitalar e ambulatório*, entre outros tipos de trabalho. (PISTRAK, 2009, p. 219-223).

Vinculados ao autosserviço e à auto-organização, com o objetivo central de desenvolver a autonomia, estavam o trabalho socialmente útil e a capacidade de autodirigir-se dos estudantes. Segundo Pistrak (2009), a autodireção é entendida como

[...] autoatividade ampla dos estudantes, nos limites da vida escolar organizada, desenvolve neles hábitos de trabalho social: a manifestação da iniciativa, a elaboração do plano de atividade, a fundamentação e defesa dele, a organização do trabalho, a participação no trabalho coletivo na qualidade de administrador e de pessoa subordinada, e outros. [...] a autodireção, [...] é uma “disciplina” específica do ensino escolar a qual tem seu conteúdo e seu método.

O trabalho começou a ser introduzido nas escolas por meio de níveis crescentes de complexidade, que variavam de acordo com a idade e a disposição física das crianças: primeiro, o autosserviço formava hábitos de organização e de higiene; segundo, o trabalho nas oficinas com diferentes tipos de materiais; e terceiro, o trabalho fabril, que era visto como aquele que mais adentrava na atualidade e por isso estava no núcleo do processo educativo. Nesse sentido, todo o trabalho desenvolvido era de cunho socialmente útil, mas, para que isso ocorresse, a escola precisava estar ligada à atualidade e os estudantes devidamente auto-organizados.

Dessa forma, a auto-organização fazia parte da formação dos novos sujeitos para a construção da nova escola e da nova sociedade. Era importante que todos os estudantes participassem ativamente dos conselhos, dos órgãos, dos comitês, das reuniões, dos movimentos, e de outras iniciativas, fazendo parte da auto-organização da vida escolar ao mesmo tempo em que organizavam a vida social. Essa categoria pedagógica era muito abrangente, pois contemplava uma série de atividades, tais como a constituição dos coletivos infantis, a União da Juventude Comunista da Rússia-UJCR, o autosserviço, a autodireção, a autogestão, o trabalho coletivo, estimulava a criatividade, a autonomia e a responsabilidade. Além disso, os alunos se alternavam nas funções de diretores e de subordinados, aprendendo como agir em ambas as condições, haja vista que, de acordo com Pistrak (2018b, p. 47),

“[...] cada estudante deve tornar-se um lutador e um construtor. A escola deve esclarecer a ele para quê, contra quem e por quais formas ele deve lutar, o que e como ele deve construir e criar”.

No entanto, para que isso se efetivasse, era necessário o comprometimento dos docentes. De fato, por vezes, os educadores socialistas debateram essa questão, porque havia o entendimento de que o educador também precisava ser educado; tratava-se de uma espécie de reeducação política para os docentes. Pistrak (2003a) assim explica esse aspecto:

[...] o objetivo principal da reeducação, ou simplesmente, da educação, dos professores não é absolutamente fornecer-lhe um conjunto de indicações práticas, mas armá-lo de modo que ele próprio seja capaz de criar um bom método, baseando-se numa teoria sólida de pedagogia social; o objetivo é empurrá-lo no caminho desta criação. (p. 45).

Concordando com a necessidade da reeducação política dos educadores, Shulgin (2022) alertou que os professores precisavam estar familiarizados com a formação científica de base marxista para, desse modo, formar lutadores e construtores da nova sociedade. Como bem destacou Pistrak (2018b, p. 32), “[...] sem teoria pedagógica revolucionária, não poderá haver prática pedagógica revolucionária”.

Como vimos, os educadores socialistas não mediram esforços para construir e efetivar a Pedagogia Socialista Soviética, organizando práticas educativas pautadas nas categorias pedagógicas *trabalho*, *atualidade* e *auto-organização*, as quais permitiram o ensaio e a vivência de uma nova forma escolar. Suas experiências estavam conectadas à necessidade de se avançar na construção de uma pedagogia que estivesse em consonância com o processo revolucionário em curso naquele momento histórico. A nosso ver, essa perspectiva tem a sua importância e é atual, especialmente para o pensamento pedagógico contra-hegemônico, pois está em consonância com os interesses dos dominados e busca a transformação da ordem vigente (SAVIANI, 2008).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mészáros (2005) afirma que a busca por um projeto social contra-hegemônico se relaciona diretamente ao entendimento do papel da educação na construção de processos de *contrainternalização*. Isso requer que assumamos os desafios e os enfrentamentos que culminam na construção de práticas educativas que objetivam a transformação social e a superação do modo de produção capitalista, as quais, em nosso entendimento, devem ter como eixo e fundamento orientador as proposições da educação socialista. Em seus escritos, o autor supracitado frisa a contribuição permanente da educação para o desenvolvimento da consciência socialista, para alcançar a transformação social emancipadora e para concretizar os objetivos de um desenvolvimento histórico sustentável. Ele assevera:

A nossa época de crise estrutural global do capital é também uma época histórica de transição de uma ordem social existente para outra, qualitativamente diferente. Essas são as duas características fundamentais que definem o espaço histórico e social dentro do qual os grandes desafios para romper a lógica do capital, e ao mesmo tempo também para elaborar planos estratégicos para uma educação que vá além do capital, devem se juntar. Portanto, a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora. Nenhuma das duas pode ser posta à frente da outra. Elas são inseparáveis. (MÉSZÁROS, 2005, p. 76).

A Pedagogia Socialista Soviética soube reconhecer o papel da educação na transformação social, afirmando a escola como um campo de disputas, desde o momento em que a articulou ao projeto histórico socialista, em prol da construção de uma escola do trabalho.

Assim, reconhecer a importância e a atualidade da Pedagogia Socialista Soviética para o pensamento pedagógico contra-hegemônico significa apreender as lições advindas das experiências desenvolvidas pelos educadores socialistas, com objetivo de apontar caminhos, ainda no contexto da sociedade capitalista, para organizarmos esforços coletivos e estratégias para repensarmos as finalidades da educação e suas categorias formativas na perspectiva da construção de uma educação articulada aos interesses da classe trabalhadora, bem como do tensionamento da forma escolar.

No cenário mais recente, compreendemos que isso é urgente e necessário. Vivenciamos a intensificação ofensiva da pedagogia do capital sob a educação

escolar por meio de diferentes estratégias que estão em consonância com a racionalidade neoliberal vinculada a um novo modo de produção de si (DARDOT e LAVAL, 2016). Os avanços da pedagogia do capital podem ser identificados por meio dos esforços para a implementação da BNCC e do Novo Ensino Médio nas escolas, tal como já assinalado na introdução deste texto.

De fato, esse processo compõe agendas construídas em conjunto com o empresariado, as quais, por sua vez, representam as coalizões da pedagogia do capital com o setor empresarial, em que visivelmente compreende-se a educação como um insumo econômico. Vale ressaltar que o processo de implementação da lógica do mercado, ou seja, do empresariamento da educação, de acordo com Freitas (2018, p. 29), “[...] é um projeto onde a educação é vista como um serviço e não um direito, sendo sequestrada pelo empresariado para atender a seus objetivos de disputa ideológica”.

Em vista disso, acreditamos que a Pedagogia Socialista Soviética é fonte fecunda para mobilizar educadoras e educadores na perspectiva da organização escolar sobre outras bases e vinculada a um outro projeto de sociedade. Isso exige, de fato, uma avaliação crítica do que foi produzido, considerando seus avanços, limites e contradições, no intuito de organizar e implementar estratégias que orientem na direção da construção da pedagogia socialista na atualidade. Portanto, concordamos com Da Motta, Leher e Gawryszewski (2018) quando afirmam que

Os germes da escola do futuro foram plantados pelas lutas. O desafio é torná-los ideias e práticas que possibilitem uma vontade nacional popular na qual o conhecimento e o esclarecimento crítico possibilitem forjar alternativas civilizatórias que enterrem para sempre a barbárie aninhada nos projetos antissecularistas e irracionistas empreendidos pela agência do capital e pelas forças hostis à emancipação humana (p. 327).

Por fim, concluímos que a atualidade da Pedagogia Socialista Soviética para o pensamento pedagógico contra-hegemônico reside, também, no fato de que a sua proposta educativa e escolar converge com os desafios concretos para formação humana no contexto do capitalismo contemporâneo.

## **5 REFERÊNCIAS**



BAHNIUK, Caroline; DALMAGRO, Sandra L. Pistrak, Shulgin e a pedagogia soviética nos anos de 1920. In: **Educação e Revolução: a Pedagogia Socialista Soviética**. MORAES, Leandro E. P. POMAR, Valter. (orgs). São Paulo: ELAHP: Escola Latino-americana de História e Política, 2021, p. 107 a 129.

DA MOTTA, V. C.; LEHER, R.; GAWRYSZEWSKI, B. A pedagogia do capital e o sentido das resistências da classe trabalhadora. **SER Social**, [S. l.], v. 20, n. 43, p. 310–328, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREITAS, Luiz C. **A reforma empresarial da educação: novas direitas, velhas ideias**. 1. ed. São Paulo: Expresso popular, 2018.

\_\_\_\_\_. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: Pistrak, Moisey (org). **A escola comuna**. São Paulo: Expressão popular, 2009.

FREITAS, Luiz C.; CALDART, Roseli S. Apresentação. In: PISTRAC, Moisey M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p. 09 a 20.

LAMOSA, Rodrigo. (org). **Classe dominante e educação em tempos de pandemia: uma tragédia anunciada**. Editora Terra sem Amos: Parnaíba, 2020.

MANACORDA, Mário A. **Marx e a pedagogia moderna**. 2.ed. São Paulo: Editora Alínea, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. **A teoria da alienação em Marx**. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

KRUPSKAYA, Nadezhda. K. Prefácio. In: PISTRAC, Moisey M. **A Escola-Comuna**. Trad. Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KRUPSKAYA, Nadezhda K. **A construção da Pedagogia Socialista**. 1 edição, São Paulo, Expressão Popular, 2017.

PISTRAK, Moisey M. **A Escola-Comuna**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

\_\_\_\_\_. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018b.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SANFELICE, José Luiz. A nova pedagogia da hegemonia no contexto da globalização. **Revista Digital Paideia**. Volume 2, Número 2, p. 111-119, outubro de 2010 – março de 2011.

SHULGIN, Viktor N. **Rumo ao politecnismo** (artigos e conferências). Trad. Alexey Lazarev e Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da educação social**. Trad. Natalya Paviova e Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

VICENT, Guy, LAHIRE, Bernard e THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n.33, junho de 2001.